

Desemprego de jovens é alarmante

O Brasil tem a maior proporção de jovens desempregados de um grupo de 10 países. O total corresponde a 46,6% da população brasileira entre 15 e 24 anos. "É um quadro alarmante", alerta especialista do Ipea. **País A2 e A3**

JUVENTUDE

Brasil é líder no desemprego

Ipea mostra que quase metade dos jovens não tem trabalho

Quase metade (46,6%) da população brasileira entre 15 e 24 anos, hoje estimada em cerca de 40 milhões de indivíduos, está sem emprego. Deste contingente, 9,7 milhões vivem em famílias com renda per capita de até meio salário mínimo (R\$ 207,50), 12,5 milhões não tinham concluído o ensino fundamental e 1,4 milhão é constituído por analfabetos. Estes são alguns dos resultados da pesquisa *Juventude e políticas sociais*, elaborada pelos economistas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) Jorge Abrahão de Castro e Luseni Aquino.

Diretor de Estudos Sociais do Ipea, Jorge Abrahão adverte que os resultados evidenciados pelo estudo representam quadro alarmante quanto à concretização do respeito aos direitos humanos de parcela expressiva da juventude brasileira.

O mais grave é que o desemprego entre jovens da faixa etária

pesquisada é 3,5 vezes maior do que entre adultos com mais de 24 anos, e esta proporção vem aumentando continuamente. Em 1990, era de 2,8 e, em 1995, 2,9 maior.

Destaque negativo

Pelos dados da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio (PNAD) de 2005, a proporção de jovens brasileiros desempregados – 46,6% – é a maior no grupo de 10 países pesquisados para efeito de comparação: México (40,4%), Argentina (39,6%), Inglaterra (38,6%), Suécia (33,3%), Estados Unidos (33,2%), Itália (25,9%), Espanha (25,6%), França 22,1% e Alemanha (16,3%). Para os dois economistas do Ipea, o desemprego entre os jovens é maior porque eles são demitidos com ônus menor e considerados menos importantes na produção devido à sua menor experiência.

Opinando sobre o estudo, Luiz Bello, do Instituto Brasileiro de

Geografia Estatística, agrega outro dado à questão: por terem, em regra, menores compromissos familiares, os jovens recém-formados, por exemplo, podem se permitir não ingressar no primeiro emprego que apareça, dando estrita preferência a sua especialidade. Já nas faixas de maior idade não é incomum o indivíduo aproveitar qualquer oportunidade de trabalho, em vista de compromissos familiares acumulados.

No que se refere à educação de nível superior, e tomando como universo de comparação os países da América Latina e do Caribe, o Brasil está em último lugar. O número de brasileiros com idade entre 20 e 24 anos que frequenta a universidade é de apenas 213 por grupo de 10 mil habitantes. Menos que a Colômbia (232), México (225), Argentina (531), Bolívia (347) e Venezuela (389).

>> Educação

Condição de atividade e de estudo por sexo e faixas etárias em 2006, em %

	Só estuda	Estuda e trabalha	Só trabalha	Não estuda nem trabalha
Homens				
10 a 14 anos	85,4	11,6	0,9	2,1
15 a 17 anos	54,4	27,1	11,3	7,1
18 a 24 anos	12,7	18,0	55,6	13,7
25 a 29 anos	2,1	9,4	78,3	10,1
Mulheres				
10 a 14 anos	91,0	6,5	0,4	2,1
15 a 17 anos	65,3	17,5	4,9	12,3
18 a 24 anos	17,6	15,1	35,6	31,7
25 a 29 anos	4,7	9,6	53,0	32,7

Situação educacional dos jovens em 2006, em %

	15 a 17 anos	18 a 24 anos	25 a 29 anos
Analfabetos*	1,6	2,8	4,7
Freqüentam a escola	82,1	31,7	13,0
- Ensino fundamental (regular ou supletivo)	33,9	4,9	2,0
- Ensino médio (regular, supletivo ou pré-vestibular)	47,7	13,8	3,3
- Ensino superior (inclusive mestrado ou doutorado)	0,4	12,7	7,3
- Alfabetização de jovens e adultos	0,1	0,3	0,4
Não freqüentam a escola	17,9	68,3	87,0
- Ensino fundamental incompleto	11,9	19,9	28,3
- Ensino fundamental completo	2,0	6,2	7,3
- Ensino médio incompleto	1,4	6,8	5,8
- Ensino médio completo	1,1	28,9	30,2
- Ensino superior incompleto	0,0	0,9	1,7
- Ensino superior completo (inclusive mestrado ou doutorado)	0,0	1,9	8,6
- Nunca freqüentaram a escola	1,5	3,7	5,1
População jovem (valor absoluto)	10.424.755	24.285.150	15.821.341

* Não há analfabetos entre os que freqüentam e os que não freqüentam a escola

Fonte: IPEA



PRÁTICA – Para os jovens, falta de experiência faz a diferença para ingressar no mercado de trabalho

Emprego cada vez mais difícil para estudantes

Pedro Vieira

Quem sonha terminar a faculdade e ingressar no mercado de trabalho pode começar a se preocupar. Um estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) revelou que o desemprego entre jovens de 15 a 24 anos é 3,5 vezes maior que entre os adultos com mais de 24 anos.

Segundo o estudo, a falta de experiência influencia na decisão das empresas. Mas o próprio jovem não se sente capacitado para ingressar em um mercado de trabalho mais competitivo. Jorge Luiz de Paiva Filho tem 24 anos e faz faculdade de Cinema. Apesar de não figurar na lista de desempregados, Jorge trabalha de garçom em um restaurante, profissão sem a menor relação com a sétima arte.

– Falta experiência e oportu-

nidade para os jovens. Não adianta ser bom, tem que ser o melhor – afirma Jorge. – Quero ser diretor, mas dentro da área de cinema, quase tudo serve.

Falta informação

Para Gustavo Machado, estudante de Jornalismo, não é só a falta de experiência e de oportunidade que aumentam no desemprego da juventude. A pouca informação é ainda outro problema que atinge o jovem brasileiro.

– Muitos jovens não têm informação – diz Gustavo, que não se preocupa com as estatísticas do Ipea, já que é estagiário na área de jornalismo. – Nunca pensei muito no desemprego. Quando se está no mercado, a tendência é continuar.

Entretanto, Gustavo pode se surpreender. Uma das razões para a

juventude estar sem emprego é o custo das empresas com o corte de pessoal. De acordo com técnicos do Ipea, gasta-se menos para demitir um jovem do que um adulto

Luiz Paulo Vianna, estudante de propaganda e marketing, tem 20 anos e está terminando a faculdade, mas continua desempregado. Porém, diferente de Gustavo, Luiz acha que o jovem é bem informado.

– Hoje, com a internet temos vários meios de pesquisa, o jovem não é mal-informado. Acho que falta oportunidade e até experiência. O ensino público é ruim, com certeza isso influencia no desemprego.

Ele pode ter razão. De acordo com o estudo só 12,7% dos jovens de 18 a 24 anos cursam o ensino superior, o que chama a atenção para mais de 85% da juventude estarem excluídos do ensino superior.

Desafio do governo: concentrar-se na educação

Cláudia Dantas

A existência de 1,6 milhão de analfabetos, a persistência de elevada distorção entre idades e séries, a baixa frequência no ensino superior, e as restritas oportunidades de acesso à educação profissional são alguns dos aspectos mais alarmantes divulgados, ontem, pelo Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (Ipea).

A pesquisa, que reuniu dados coletados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Organização Internacional do Trabalho (OIT) até 2005, não traduziu a melhora implementada pelo governo federal nos últimos três anos, segundo o sociólogo Roberto Gonzalez, pesquisador do Ipea e um dos profissionais envolvidos neste trabalho.

– A melhora nas taxas de emprego atuais não estão contabilizadas na pesquisa, que também não incluiu o aumento do nível de escolaridade – ressaltou Gonzalez.

Contingente de jovens

Mas o fato é que o Brasil ainda é carente de políticas públicas específicas para os jovens, “e como o país concentra um contingente enorme da categoria, é imprescindível criar ações direcionadas a eles”, garante o sociólogo.

Para Gonzalez, o desafio do governo concentra-se na educação. Além de fornecer melhores condições e aumentar o nível de escolaridade da população brasileira, o governo precisa garantir a inclusão do jovem no mercado de trabalho em ambientes menos precários.

– É muito importante criar políticas públicas que permitam o jovem completar os estudos, sem que ele seja empurrado ao mercado de trabalho – reforça.

De acordo com a pesquisa, a situação educacional dos jovens, em 2006, continha 1,6 milhão de analfabetos, entre 15 e 17 anos; dos 18 aos 24, eram 2,8 milhões; e dos 25 aos 29, 2,7 milhões de jovens em

“

É importante criar políticas públicas que permitam ao jovem completar os estudos

Roberto Gonzalez
sociólogo e pesquisador do Ipea

completo analfabetismo.

Quase 34 % dos jovens de 15 a 17 anos vivem o problema da distorção idade-série, e ainda não frequentaram o Ensino Fundamental. Também merece atenção na pesquisa o fato de pouco menos de um terço da faixa etária de 18 a 24 anos frequentarem a escola, e apenas 12,7% cursarem o ensino superior, considerado nível de ensino adequado para esta faixa etária.

Para Gonzalez, o índice de escolaridade está melhor, porém ainda muito defasado. em 2005, a média de escolaridade brasileira, conforme destacou o sociólogo, é de 8,3 anos, dos 15 aos 24 anos; ou seja, “esta faixa etária apenas completa o ensino fundamental, o que é muito ruim”, diz.

Marcelo Néri, professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV-RJ), concorda com o pesquisador do Ipea, de que o grande desafio do país é a educação e a qualidade de inserção do jovem no mercado de trabalho.

No entanto, o professor observa que o jovem de hoje está melhor preparado do que em outras gerações, e destaca a obsolescência tecnológica.

– A cada década, o conhecimento tecnológico dos jovens supera as gerações anteriores. A perspectiva de futuro é por meio da educação – resalta.

>> Os principais fatos e notícias do país chegam primeiro no seu celular. Envie **BRA** para **50015**. Disponível para todos os operadores. R\$ 0,10 por mensagem recebida



>> O desemprego entre os jovens

Proporção de jovens entre o total de desempregados em 2000, em %

	Em 2000	Em 2005
Brasil	43,8	46,6
México	51,4	40,4
Argentina	33,8	39,6
Grã-Bretanha	32,1	38,6
Suécia	21,8	33,3

	Em 2000	Em 2005
Estados Unidos	37,0	33,2
Itália	32,0	25,9
Espanha	26,0	25,6
França	17,4	22,1
Alemanha	12,5	16,3

Fonte: IPEA

Morrem mais rapazes que moças, diz estudo

Leda Rosa
SÃO PAULO

As políticas públicas voltadas para a saúde do jovem brasileiro, segundo o levantamento do Ipea, ainda não fizeram frente, de modo efetivo, aos desafios fundamentais do setor. Entre os 15 e 29 anos, a violência continua sendo o principal problema, especialmente para os rapazes que morrem significativamente mais do que as moças.

Em um grupo de 100 mil pessoas, a taxa de mortalidade média das mulheres foi de 58,43 contra 261,80 dos homens. Entre 2003 e 2005, morreram cerca de 60 mil jovens do sexo masculino. Destes casos, 78% foram por causas externas, majoritariamente homicídios e acidentes de transporte. No mesmo período, morreram 15 mil jovens do sexo feminino, sendo 35% pelas mesmas causas externas.

O estudo detectou, ainda, que os pretos e os pardos morrem mais. Entre os 18 e 24 anos, para cada

grupo de 100 mil jovens, a taxa de óbitos alcançou 204,58 entre os brancos e 325,04 entre os negros.

Uma das dificuldades encontradas pelos pesquisadores foi a falta de dados específicos sobre esta faixa etária. A fonte foram dados de internações em hospitais vinculados ao SUS em 2006. No caso das internações, o total envolve muito mais as mulheres, com 81,60% do total. A maior parte dos casos, 78,4%, estava relacionado com a gravidez, parto e puerpério.

Gravidez na adolescência

O tema da gravidez na adolescência mereceu atenção especial dos pesquisadores. Um total de 836.711 meninas de 15 a 19 anos já tiveram filhos, o que equivale a 11,4% da população nesta faixa etária, de acordo com a mais recente Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad). Segundo o levantamento, o desafio do poder público é oferecer políticas eficazes para evitar gestações indesejadas e

conscientizar os adolescentes sobre a importância da sexualidade saudável, de fazer escolhas consequentes e repensar os papéis de homens e mulheres de forma igualitária.

A Aids é outro problema entre os jovens. No país, houve 112 mil casos notificados da doença entre jovens de 15 a 29 anos até 2005. O total significa 30% do total de casos brasileiros desde o início da epidemia, no começo da década de 1980. A principal forma de contágio nesta época se dá por transmissão sexual, em 60% dos casos. A transmissão pelo sangue ocupa o segundo lugar, com 23% e em 96% dos ocorridos e é causada pelo uso de drogas injetáveis.

Também aumentou o número de mulheres contaminadas. A relação, que já foi de 2,4 casos registrados em homens para cada caso em mulheres, em meados da década de 1990, hoje é quase de 1,5 homem infectado para cada mulher contaminada.

Condições sociais perpetuam as desigualdades no Brasil

Ubirajara Loureiro

A alta taxa de desemprego juvenil, segundo Jorge Abrahão e Luseni Aquino, mesmo na faixa abaixo de 17 anos, indica que grande parte das famílias não têm meios de manter os jovens fora do mercado de trabalho até que completem o ensino médio.

“A magnitude crescente do fenômeno faz suspeitar que haja dificuldades cada vez mais pronunciadas para jovens realizarem a transição da escola para o mundo do trabalho”, destaca o estudo dos economistas do Ipea.

Fenômeno global

O trabalho ressalva ainda que o fato de os jovens representarem parcela cada vez maior no contingente de desempregados não é típico apenas do Brasil ou da América Latina. O cotejo de dados deixou claro que a taxa de desemprego juvenil registrada no Brasil – a partir de estimativas formuladas com base na PNAD e na Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE – hoje é de 19%, menor do que as da Itália (24%), França (23%), Suécia (22%), Argentina (24%), e Espanha (20%). Com taxas menores do que as brasileiras aparecem México (7%), Estados Unidos (11%), Inglaterra (12%) e Alemanha (15%).

Os dois coordenadores do trabalho citam indicadores de acesso dos jovens aos direitos sociais, culturais e econômicos, contidos no

Informe sobre a Juventude Mundial de 2005 da Organização das Nações Unidas, mostrando um quadro desolador da não-concretização de direitos humanos para grande parte da juventude do mundo.

De acordo com o documento, de um total de 1,2 bilhão de jovens nos dois hemisférios, 200 milhões sobreviviam com menos de US\$ 1 por dia, 88 milhões não tinham empregos e 10 milhões portavam o vírus da Aids.

Herança

Outro ponto em destaque no trabalho apresentado pelo Ipea é que os jovens, em geral encontram disponíveis apenas ocupações precárias, normalmente de curta duração. “Isso não seria um problema em si, caso as famílias desses jovens pudessem custear a busca por empregos melhores ou a extensão de seus conhecimentos ou, ainda, se os jovens pudessem acumular experiência em empregos de curta duração.”

“No entanto”, mostra ainda o estudo, “o que acontece para a maioria dos jovens oriundos de famílias assalariadas e de baixa renda é que eles ficam circulando entre ocupações de curta duração e de baixa remuneração, muitas vezes no mercado informal de trabalho. Além de não favorecer a conclusão da educação básica, esta experiência é avaliada negativamente pelos empregadores. Este processo reproduz, na existência desses jovens, desigualdades sociais herdadas da geração anterior”.